



Tiago Ferro
o pai
da menina morta

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

*Para o coração a vida é simples:
ele bate enquanto puder. E então para.*
Karl Ove Knausgård

© 2018, Tiago Ferro
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Pai da Menina Morta*
Autor: Tiago Ferro
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Outubro de 2018

ISBN 978-989-671-456-7
Depósito Legal n.º 445657/18

Aos que restaram

[eu]

Tenho na clavícula esquerda o que se chama de calo ósseo. Não dá para notar por baixo da roupa. Foi resultado da emenda do osso quebrado em um treino de aikido em janeiro de 1996. Estou com quarenta e um anos e não luto mais. Minha frequência cardíaca só passa de cem batimentos por minuto quando eu faço sexo. Tenho um metro e oitenta e sessenta e quatro quilos. Sem que eu precise praticar qualquer tipo de exercício, me apresento em um corpo socialmente aceito. Minha relação com a comida é esta: tanto faz um prato sofisticado ou um sanduíche na esquina. Sempre uso camiseta, jeans e tênis. Sinto pena dos homens elegantes. Como se não bastasse colocar e tirar tantas máscaras sem parar, ainda desperdiçam tempo com o figurino. Prefiro me concentrar no roteiro.

A Minha Filha morreu no dia 26 de abril de 2016.

[sábado]

Vou com a Lina assistir ao último do Godard. Só está em cartaz no Top Center da Paulista. Estaciono na alameda Santos e corto caminho pela Fnac. Vejo *A idade viril*, do Michel Leiris, em destaque. A sala ficou velha mas ainda passa os bons filmes. Leio a orelha do livro enquanto as luzes estão acesas.

A Lina me fala que é preciso decidir se vamos ou não ter filhos. Ela quer ser mãe jovem. Fico mal-humorado. Rosno qualquer coisa e o filme então começa. A narrativa é toda fragmentada. Um casal conversa atrás de nós. Reclamo e eles se calam. Ainda assim, não consigo me concentrar. O sapato novo que minha mãe trouxe para mim de viagem abriu uma tampa na pele do meu dedinho direito. O machucado tem no máximo dois milímetros, mas queima como gelo seco. Minha cabeça gira entre filhos e a dor no pé e as imagens desconexas em preto e branco na tela grande do cinema. Termina o filme. Jogo no lixo o copo de Coca-Cola de 500 ml vazio. Comento que a cadeira daquele cinema é mesmo péssima. Minhas orelhas estão vermelhas e quentes. Saio da sala mancando. Ninguém nota. São apenas três milímetros de carne viva grudada na meia cinza-chumbo.

[quinta-feira]

Formolização. Você vai querer?

For-mo-li-za-ção.

[cinzas]

Ela morreu durante o Carnaval. No sábado? Quando eu voltei da praia na quarta-feira, encontrei o corpo esticado no quintal coberto de confetes molhados e desbotados. O tumor da barriga havia estourado e o rejunte entre as pedras de ardósia estava tingido de um marrom pegajoso, quase seco. Ela parecia um cachorro empalhado. Boca aberta, olhos escancarados e as patas esticadas e tensionadas. Teve uma espécie de convulsão na hora da morte. Não tive coragem de tocá-la nem de ajudar meu pai com o saco de lixo preto e brilhante. Ele o fechou com silver tape bem apertada.

[lista]

De medos bobos:

A primeira noite em um quarto de hotel.

Quartos de hotéis na Alemanha.

Ficar preso em uma sauna que nunca esquenta.

Sonhar que na árvore que se vê da janela do meu quarto de hotel há sete lobos brancos sentados nos galhos como se fossem pássaros. Me esperando.

Alguém chegar.

[terceira pessoa do singular. masculino. cena 1: afasia. derrame]

É possível ver o rosto dele refletido no pequeno espelho do banheiro. Ele está fazendo a barba. A lâmina faz uma curva errada e o pescoço começa a sangrar. Arde. Ele coloca a mão direita na água da torneira. Ele coloca a mão direita no deserto do Saara, na merda do cachorro. Ele olha para a mão esquerda e não entende. Ele se olha no espelho e vê um sonho. Ele tenta falar, mas as palavras. Ele quer pedir água. Ele quer chamar a mulher. Ele pensa em árvores que crescem se enrolando no tronco de outras árvores. Ele não consegue abrir a porta do banheiro. Está trancada? Não. Ele antes precisa conseguir falar a palavra maçaneta. Mas ele só consegue pronunciar Y-U-R-I GA-AG-A-RIN. Ele agora está flutuando. Ele vê o próprio corpo na maca do hospital. Ele vê a própria boca se abrindo. Uma gosma cor de mangue sai daquele buraco cheio de dentes obturados. Ele está deitado. O médico pede pela quarta vez para uma enfermeira borri-far essência de eucalipto na máscara dele ou ele vai vomitar dentro do cérebro do homem da maca. É um quarto de hospital. Ele abre os olhos e vê três desconhecidas chorando ao

pé da cama. Ele quer dizer chega. Ele quer que alguém arranque a imagem do presidente Nixon do seu cérebro. Ele quer que alguém cale a boca dos pelicanos que se batem dentro do quarto. Ele coloca as duas mãos na cabeça. Cinzas jogadas de uma moto cruzando a Golden Gate. Ele sente uma cicatriz mole e afasta as mãos com medo. Coloca novamente. Está sem cabelos. Três velhas cobertas com xales negros rezando pela alma dele. Ele quer dizer A-LM-A, mas só consegue ver a Terra vista do espaço. A música que sai das máquinas ao seu redor é dodecafônica. Ele quer pedir MOZZZ-ART. Ele abre a boca e sente uma pasta se dissolvendo e virando líquido quente. Escorre gelado pelo peito. O que é? Ele não sabe. Ele abre a boca. Ele quer gritar M-O-R-RR-E-R, mas ele não é capaz de chamar a morte. Ele quer pensar no seu corpo morto, mas só consegue ver os jovens mutilados da Guerra do Iraque e o próprio pijama sujo de urina de gato. Ele é um veterano? Não, ele é um contador. Ele vê a filha dele na maca ao lado. As cortinas vermelhas estão fechadas. O chão é geometricamente preto e branco. Ele tomba a cabeça para o lado. Ela também.

[matrix]

Morpheus diz a Neo que ele vive em um sonho.

Você quer acordar?

Neo se surpreende quando entende que os ferimentos feitos na realidade virtual da Matrix são também sentidos no corpo físico.

A boca dele sangra.

Ele passa o dedo para ter certeza de que é sangue de verdade.

É.

Você é o escolhido.

Não tem jeito.

Quem morre em um sonho nunca mais acorda.

Resume playing. Start from beginning.

[silêncio]

Papai? Pai? Papai?

Onde cê tá?

Eu fiz xixi na cama. Escapou. Me limpa?

Eu tô com sede. Só um golinho.

Papai?

Eu não consigo amarrar o tênis.

Cortar o bife.

Abrir a mostarda.

Ligar a TV.

Dormir sozinha.

Ler.

Nadar.

Apertar o botão do elevador.

Empurrar o carrinho do supermercado.

Ver um adulto chorar.

Papai?

Pega pra mim um pedaço de chocolate.

De bolo.

De queijo.

De manga.

De sonho.

Papai?

Vamos viajar de avião.

Andar a cavalo.

Piscina. Piscina. Piscina.

Praia. Mar. Picolé.
 Parquinho.
 Neve.
 Papai?
 Lê uma história.
 Não, essa não. Dá medo.
 Papai?
 Fica um pouco na minha cama.
 Cinco minutos.
 Dez minutinhos.
 Duas horas.
 A noite inteira.
 A vida toda.
 Papai?
 Me dá a mão.
 Pai? Pai?
 Papai?
 Dói muito?

 Promete?

[quarta-feira]

Criança de oito anos, da classe média paulistana, com acesso às melhores escolas e hospitais, vítima de gripe. O apresentador do telejornal da noite precisa se esforçar para transmitir ao espectador que ele está realmente abalado com a história. Foram mais de vinte e sete anos fingindo na cara dura em rede nacional. Na volta para casa, ele vai chorar em silêncio no banco de trás do sedan preto da emissora enquanto escreve para a mãe dele avisando que o boleto do plano de saúde está pago. Você é um filho de ouro. Isso o motorista

não vai notar. Ele acha o apresentador um merda. Ele não o perdoa. O motorista também viu a notícia. Depois de deixar o apresentador na casa de trezentos e quarenta metros quadrados de área construída no Morumbi, ele vai se despedir e começar a chorar treze segundos depois. O filho de dezesseis anos e a filha de sete do apresentador não vão entender por que o pai está especialmente carinhoso naquela noite. O filho de trinta e dois anos do apresentador, do primeiro casamento, odeia o pai. O motorista vai pegar na gaveta do criado-mudo uma foto velha e amassada nas pontas do filho dele de dezoito anos morto a tiros a três quadras de casa. O jornal noticiou o crime. Acerto de contas entre traficantes locais. O apresentador não gosta que a cada noite troquem o motorista que o leva para casa. Isso não é bom. São todos uns tipos mal-encarados. O motorista e o apresentador, alguns segundos antes de dormir, vão pensar no pai da criança de oito anos, da classe média paulistana, com acesso às melhores escolas e hospitais, vítima de gripe. Coitado. Que Deus tenha piedade dele. Esse se fodeu.

[e-mail]

RES: Nota de falecimento

De: J.M.W.

Para: Pai

Data: 28/4/2016 17h35

Querido,

Se a gente fica com o coração cortado em pedaços só de pensar na morte da sua filha, o que não será em você, com você, de você?

Tiago Ferro (São Paulo, 1976) é editor e escritor. É um dos fundadores da editora de e-books e-galáxia e da revista de ensaios *Peixe-elétrico*. Colabora regularmente com textos sobre cultura nas revistas *Piauí*, *Cult* e *Suplemento Pernambuco*. Mestre em história social pela Universidade de São Paulo, está actualmente a fazer um doutoramento em torno da obra do crítico literário Roberto Schwarz. *O Pai da Menina Morta* (publicado este ano no Brasil) é o seu primeiro romance.

o pai da menina morta

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica,
sobre papel Coral Book de 90 g,
em Setembro de 2018.

